



Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Educação e Escolarização Indígena em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC

Autora: Prof. Esp. Estelita Araújo Barros

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo dos Santos Barros

Resumo

Este minicurso relata experiências de trabalho na Educação e Escolarização indígena, com práticas de ensino voltadas para temáticas que abordam os saberes e fazeres culturais dos educandos Ka'apor e como estas estão relacionadas a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Busca-se refletir e orientar sobre uma proposta de ensino e aprendizagem, intercultural e interdisciplinar, que contribua para uma matemática mais humanizada, a fim de visibilizar a importância dos elementos culturais como: confecção do *wasahã* (paneiro), grafismo corporal ka'apor, dentre outros. Para tanto, destacam-se os conteúdos da matemática: figuras geométricas, contagem e sistema de medição, com o propósito de valorizar os saberes e fazeres da comunidade em diálogo com os conhecimentos matemáticos, que pelos métodos da etnografia, das pesquisas bibliográficas e das experiências vivenciadas com os educandos ka'apor, apontam-nos caminhos metodológicos para elaboração de materiais voltados às práticas de ensino diferenciado, que garanta as formas de subsistências e sobrevivência do povo Ka'apor.

Palavras-chave: Saberes e Fazeres ka'apor, Etnomatemática, Educação Escolar Indígena, Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Introdução

O presente trabalho está fundamentado em uma experiência de convívio na educação escolar da etnia ka'apor, articulada no exercício de educadora no Ensino Fundamental menor, com educandos dos “primeiro, segundo e terceiro Círculo de Saberes” que correspondem aos (1º ano, 2º ano e 3º ano/9), desenvolvida no Componente Curricular da Etnomatemática com evidência no Tempo e Lugar ka'apor. Esta experiência faz parte de um processo de avanço da escolarização ka'apor do projeto “*Ka'a namõ jumu'e ha katu*” (Aprendendo com a floresta),

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

embasado na valorização cultural, defesa territorial e ambiental com destaque para conservação da fauna e floresta, elementos essenciais para a manutenção da vida, garantindo assim formas de subsistências, sobrevivência e transcendência do povo Ka'apor.

Esta prática, que se fundamenta na pedagogia da alternância (BEGNAMI e BURGHGRAVE, 2013), consiste em um sistema de ensino que busca adequar-se ao tempo e a cultura dos povos indígenas, que fazem parte do projeto de escolarização, tendo como princípio a valorização dos saberes locais, aproximando o espaço escolar com o dia a dia dos educandos, ou seja, é a escola indo até eles e levando em consideração não apenas a importância do conhecimento escolar, mas sim, reforçando os saberes presentes nas práticas desempenhadas no cotidiano desses educandos. Nessa conjuntura, a pedagogia da alternância almeja a permanência das famílias em seu lugar de origem.

Sendo assim, não é diferente das alternâncias realizadas no projeto “*Ka'a namõ jume'e ha katu*” (Aprendendo com a floresta), uma vez que também se leva em conta o tempo, lugar e espaço dos educandos ka'apor, no qual por meio das atividades desenvolvidas durante o “tempo de formação” e o “tempo vivência”, constrói-se uma estreita relação entre os saberes e fazeres culturais dos educandos ka'apor e como aqueles podem dialogar ou não com as Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A partir da observação participante no projeto “Aprendendo com a Floresta”, que nos permite uma relação direta com a comunidade, aproximando-nos dos seus saberes e fazeres, conhecimentos e modos de ser, impulsionando, conseqüentemente, um novo olhar sobre a dinâmica existente entre esses saberes e a escola. Dessa maneira, refletimos sobre uma proposta de ensino e aprendizagem, intercultural e interdisciplinar que contribua para uma matemática mais humanizada, visibilizando a importância dos elementos culturais presentes não só no cotidiano dos educandos, como também nos planos de trabalhos e no “*Ka'a ro hehe ukwaha ke*” (Caderno de Conhecimento), instrumento de apoio que serve para compreender e interpretar a dinâmica presente na correspondência com as temáticas indígenas e não indígenas.

Portanto, elaboramos sobre os conhecimentos da Etnomatemática e suas relações com os modos de ser e produzir, com o intuito de compreender como os saberes ka'apor contribuem

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

para o ensino da matemática a partir das práticas de ensino diferenciadas, nas quais a perspectiva da educação ka'apor têm destaque, assim a importância deste na construção e manutenção do processo de educação escolar indígena, e por fim, apresentamos propostas de elaboração de materiais voltados às práticas de ensino diferenciado que garanta as formas de subsistências, e sobrevivência do povo Ka'apor.

1 - Pontos e questões essenciais que orientam o processo de Educação Escolar Ka'apor.

A partir da compreensão de que os saberes da cultura ka'apor embasam a construção e manutenção do processo de Educação Escolar Ka'apor, buscamos efetivar um processo de educação escolar diferenciado que considere o tempo e lugar ka'apor, como espaço de potencial de ensino e aprendizagem dos educandos, onde os saberes e fazeres culturais locais possam se entrelaçar e dialogar de forma mais humanizada com as Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento, Habilidades e Competências trazidas e orientadas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC .

Salientamos que os encontros de estudos com os círculos de saberes acontecem em dois momentos: tempo vivência (oca de saberes) e tempo formação. Sendo que o mais marcante é o tempo vivência (oca de saberes), que consiste em imersão no dia a dia da comunidade, com o sentido de viver suas práticas culturais, acompanhá-los nos cuidados com a roça de mandioca, no processo da fabricação de farinha, na feitura do tipiti, na produção da peneira, na confecção dos paneiros, nos rituais de cantoria, na contação de histórias, na pintura corporal, na construção das moradas e dentre outros aspectos culturais. Portanto, essa dinâmica nos permite acompanhar os educandos para além dos conteúdos expostos em exercício escolar.

É no tempo vivência (oca de saberes) que registramos os elementos culturais que darão suporte para o próximo tempo, que será o de formação. O tempo formação é o momento onde iremos fundamentar teoricamente as experiências do tempo vivência (oca de saberes), por meio do “Ka'a ro hehe ukwaha ke” (Caderno de Conhecimento), material de apoio que serve para compreender e interpretar “os dois mundos”: o mundo ka'apor, que nos oportuniza imergir nos mitos, nas várias formas de ver, sentir, fazer e ser do lugar ka'apor, e o mundo não ka'apor, chamado por eles de mundo “Kara'y”, mundo dos brancos, mas que eles compreendem como

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

necessário de se conhecer para poderem se defender e lutar contra, ideias, intenções e ações que prejudicam suas várias formas de viver.

A partir dessa perspectiva, Caldaste (2008) define esses dois momentos que chamamos de Tempo Formação e Tempo vivência, fundamentados pela Pedagogia da Alternância como uma maneira de não interferir nos saberes locais, pois busca integrar a escola, família e comunidades tradicionais. Conforme a autora, podemos pensar que esses dois momentos são complementares, sendo: o “tempo formação”, também denominado “tempo escola”, onde se oportuniza aos educandos o exercício das práticas locais dialogadas com as teorias dos conteúdos de cada componente curricular, bem como, organizam-se para planejarem e realizarem as atividades que servem de auxílio para o bom funcionamento do “tempo vivência, oca de saberes” o tempo da comunidade, que é o momento destinado a vivenciar com a comunidade os saberes da cultura local, e ao mesmo tempo, o momento em que podem colocar em prática a teoria adquirida no tempo formação. Sendo assim, o tempo vivência (oca de saberes) e o tempo formação são responsáveis por dialogar os saberes envolvidos e contemplados nos dois mundos.

Sendo a Etnomatemática uma tendência que dialoga no ramo da Educação Matemática, já que está entrelaçada ao contexto histórico da matemática e assim como a Modelagem Matemática, ela se relaciona com a cultura e aos modos de “saber fazer” de diferentes grupos sociais, tornando-se uma ferramenta dinâmica em que segundo D’Ambrósio (1997), a denominação para o surgimento da Etnomatemática nasce como uma matemática natural com modelos matemáticos desenvolvidos por esses grupos como forma de resistência pela sobrevivência e autonomia desses povos.

Com a Etnomatemática, buscamos estreitar relações entre o dia a dia dos educandos, considerando seus saberes e fazeres já presentes na comunidade de modo que percebam que os conhecimentos já existentes nos padrões culturais ka’apor podem dialogar com a matemática não ka’apor e facilitar a compreensão e a atuação nessa relação intercultural. Para D’Ambrósio (2011), deve-se trabalhar com ideias relacionadas, onde o aprender não é apenas o mero domínio da prática em si, ou repetições teóricas e técnicas. Nesse caso, o aprender torna-se uma expressão de conhecimentos que envolvem a capacidade de dialogar na prática por meio da

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

pluralidade dos saberes culturais envolvidos nesse processo. Contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, o estímulo à investigação e à descoberta de forma prazerosa dos educandos ka'apor, já que contextualizamos de forma criativa e cultural a produção de tarefas.

Pensar práticas matemáticas que estejam para além do espaço escolar, é buscar conceituá-las nas atividades cotidianas dos educandos, treinando olhares para a compreensão de conteúdos trabalhados na escola e também visualizá-los fora desse contexto escolar para um espaço Etnomatemático, uma vez que, D'Ambrósio (1990) vem reforçar que a Etnomatemática não é um método em si, mas um processo pedagógico que não se ensina, vive-se. Essa vivência é possível por meio da aproximação com a natureza sociocultural dos educandos ka'apor, refletindo com eles sobre as diversas maneiras de se pensar o meio em que estão inseridos, contribuindo com o processo de compreensão do diálogo entre esses saberes presentes no ambiente não escolar para o escolar e vice-versa.

Os diferentes modos de “saber fazer” matemático de cada grupo social, segundo Wanderer (2001), vêm ganhando espaço nas últimas três décadas e os trabalhos voltados para a Etnomatemática, têm elaborado muito bem a importância de se levar em consideração os saberes e os valores de cada grupo étnico e trazer esses conhecimentos para o espaço escolar, fortalecendo o diálogo entre o modo de “saber fazer” de cada educando. De modo que, para Scanduzzi (2004), os trabalhos desenvolvidos pelos profissionais da Etnomatemática têm a intencionalidade de promover cada vez mais a valorização dos grupos tradicionais na perspectiva de dialogar esses saberes com eles de maneira que possam compreender que o conhecimento produzido pela nossa cultura dialoga com a construção científica e educacional, no que diz respeito ao modo particular de viver de cada grupo.

Nesse sentido, a Etnomatemática tem contribuído significativamente para apontar caminhos à educação diferenciada. Subsidiando na prática, principalmente no que diz respeito a produção de materiais didáticos onde o saber/ fazer da cultura ka'apor se faz presente, possibilitando uma nova abordagem de práticas pedagógicas, sendo esses levados e considerados durante o projeto de escolarização ka'apor.

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Dessa forma, nossas ações têm se refletido em práticas de: investigação e reflexão dentro e fora do espaço escolar; pesquisar sobre os saberes e fazeres ancestrais e retomá-los em nossas práticas escolares e culturais; trabalhar e observar informações matemáticas e culturais presentes. Esse exercício acontece em momentos que compreendem desde a coleta de matéria prima até a feitura dos artesanatos e de outras práticas culturais (pinturas corporais, canturias, construção das moradias, das roças, caçadas, coleta de frutos, dentre outras). Assim, observamos, pesquisamos e refletimos sobre as diferentes possibilidades de aplicação didática e de como estas podem dialogar ou não com as Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades presentes na BNCC.

Considerando que trabalho com os educandos do 2º Ciclo de Saberes Ka’apor onde estão inseridos os “1º, 2º e 3º Círculos de Saberes”, que correspondem aos (1º ano, 2ºano e 3º ano/9) do ensino fundamental menor, organizo na tabela a seguir os conceitos pensados e reelaborados pelo conselho gestor de educação ka’apor e demais integrantes da comunidade para dar sentido a estrutura do II ciclo e círculos de saberes, segundo os elementos e dinâmica da cultura ka’apor.

Tabela 1 – Conceitos dos círculos de saberes segundo a cultura ka’apor

II Ciclo	Círculos de Saberes Ka’apor
Ciclo básico de habilidade (C.B.H) - Fazem parte desse ciclo os educandos do fundamental menor (1ºano ao 3º ano/9).	1º Círculo de Saberes Akuxityriwa (tuturuba): é uma fruta pequena que serve de alimento para pequenos animais como: o “jaxi” jabuti e a “kangaruhu” paca.
	2º Círculo de Saberes “kupyhu” (cupuaçu); é uma fruta de médio porte que alimenta o ‘Waki” macaco.
	3º Círculo de Saberes Pandy’y (Angelim): madeira boa para fazer casas e remédios.

Fonte - conselho gestor de educação ka’apor

Todas as experiências vivenciadas e citadas no contexto do dia a dia da comunidade são considerados, reelaborados e dialogados em atividades para o “Ka’a ro hehe ukwaha ke” (Caderno de Conhecimento), este, por sua vez, é o resultado da elaboração do plano de aula integrado com os demais componentes curriculares (Etnociências, Língua e Linguagens, História, Memória e Oralidade, Espaço, Cultura e Territorialidades) e guiado pelo Eixo

Realização



Apoio






Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Norteador: Valorização da Cultura com a pessoa e o território para o Bem Viver, temas geradores e textos de abertura, que são orientados, pensados e escolhidos a partir da participação e contribuições do Conselho Gestor de Educação Ka’apor, grupo de educadores não indígenas, educadores ka’apor e coordenação. Compreendendo assim, que “ na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas, devem ser enfatizadas as articulações das habilidades com as outras áreas do conhecimento, entre as unidades temáticas e no interior de cada uma delas.” (BRASIL, 2018, p.275). Só após esses diálogos, que acontecem em reuniões semanais em formato online com o grupo de educadores não indígenas, educadores ka’apor e coordenação, é que partimos para a pactuação dos textos de aberturas e elaboração de atividades (exercícios) interdisciplinares.

2 - Elaboração e Prática das atividades

Para uma melhor compreensão dos resultados deste trabalho temos a seguir a estrutura do plano de aula integrado.

	<p>Jumu’e ha renda Keruhũ - Centro de Formação Saberes Ka’apor (CFSK) – 2022 Ka’a Namõ Jumu’eha Katu Aprendendo com a Floresta</p>
<p>PLANO DE TRABALHO INTEGRADO</p>	
<p>Componentes Curriculares: Etnomatemática, Ciências e Saúde, Língua e linguagem, História, Memória e Oralidades, Espaço, Cultura e Territorialidades, memória e oralidade.</p>	
<p>Educadoras formadoras e educador formador: Estelita Araújo Barros, Adriana Santos Do Ó, Maria Euniraci Santos de Santana e Joserlan Ferreira dos Santos.</p>	
<p>Ciclo: Básico de Habilidades</p>	
<p>Círculo: (1º, 2º e 3º círculos de saberes ka’apor)</p>	
<p>Eixo Norteador: Valorização da Cultura com a pessoa e o território para o Bem Viver.</p>	
<p>Temática: As Mudanças Climáticas e os impactos causados na Cultura Material Ka’apor.</p>	

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Sabemos que as mudanças climáticas impactam as mais variadas formas de vida, afetando principalmente quem mais depende das florestas para sobreviver. São os povos originários os que mais têm sofrido com as mudanças que vêm ocorrendo no planeta, porque dependem da existência de uma floresta viva, e de um bem conviver com ela, para garantir sua permanência e sobrevivência em seus territórios. Além de alimentos, os povos originários necessitam ainda dos elementos naturais que compõem sua cultura material e estes também estão presentes na floresta. Ter a floresta em pé é sinônimo de alimentação, de matérias primas para a confecção dos objetos que fazem parte da sua cultura material. Fazendo com que, seus valores culturais Re(Existam).

Unidades Temáticas e Conteúdos:

- **Grandezas e Medidas** (unidades “não convencionais” e “convencionais”): instrumentos de medição, estimativas e comparações, em diálogo com os padrões culturais de medição ka’apor.
- **Geometria** (Associar as figuras geométricas espaciais a objetos da cultura material ka’apor como o grafismo e as formas geométricas encontradas na natureza).
- Conhecendo os seres vivos da floresta de forma sistemática e suas contribuições para as indumentárias Ka’apor
- A importância da floresta para o controle da temperatura do nosso planeta e para a manutenção da cultura material.
- Prática de pesquisa com o objetivo de conhecer mais a respeito da cultura material.
- As pessoas e os grupos que compõem o território - semelhanças e diferenças.
- Os patrimônios históricos e culturais do território em que vive.

Objetivo Geral:

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Refletir sobre a importância do bem conviver com a floresta e de como as mudanças climáticas vem impactando esses espaços e as formas de vida dos povos originários e de sua cultura material, no intuito de fortalecer a proteção e manutenção da territorialidade Ka'apor.

Objetivos específicos: II Ciclo de saberes (1º, 2º e 3º círculos de saberes)

Potencializar os significados e a importância dos padrões de medição presentes na cultura ka'apor, de maneira a fazer com que os educandos percebam as utilidades e benefícios que a manutenção dessas tradições culturais trazem para o bem conviver em comunidade e também com a floresta. Utilizar das estratégias presentes nos saberes e fazeres ka'apor para produzir os instrumentos de medição de acordo com seus padrões culturais, como o “puyrenda” (lugar do artesanato). Dialogar o grafismo corporal ka'apor com as figuras geométricas e seus conceitos. Classificar os seres encontrados no território levando em consideração alguns critérios de classificação como: parentesco, nutrição e questionando qual a importância da floresta para os ka'apor e qual o significado desta para manutenção da cultura e a sobrevivência desse povo. Investigar na sua cultura material o que está sendo mais desenvolvido atualmente, o que não está mais sendo confeccionado. Identificar os patrimônios históricos e culturais de seu território e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados. Desenvolver a memória e a oralidade.

4. Procedimentos Metodológicos:

1º momento/manhã

- Cantoria e uma roda de conversa para socializar a proposta de trabalho.
- Aula passeio

2º momento / tarde

Organizar a turma e pedir para que escolham objetos concretos e imagens que representam a cultura material, conversar com os sábios da comunidade, sobre quais os artesanatos que mais se produz hoje e os que não se produzem mais, produção do sumo do

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

jenipapo, confecção do instrumento de medição “puyrenda” (lugar do artesanato) e mostrar a transpiração das plantas, por meio de um experimento.

Segundo dia

1º momento/ manhã

Culminância, momento onde os educandos irão fazer a apresentação das atividades desenvolvidas no dia anterior, para a comunidade. Este momento acontecerá de forma prática e de maneira lúdica, por meio de uma grande gincana.

Durante a aula passeio, iremos fazer uma caminhada nas proximidades da comunidade, juntamente com os educandos, no intuito de observar e dialogar sobre os seres vivos pertencentes a floresta, assim como os demais elementos que compõem a cultura material ka'apor, e também refletir sobre os impactos que o meio ambiente vem sofrendo em decorrência das ações desordenadas do homem com a natureza. Buscando identificar os elementos que são utilizados para a produção dos artesanatos como: a árvore e o fruto jenipapo, a árvore e o cipó que é utilizado para a produção do instrumento de medição “puyrenda” (lugar do artesanato) dentre outros. Possibilitando assim, conhecer na prática, a fauna e a flora presentes no lugar e qual a importância destes para o equilíbrio do meio ambiente.

No segundo momento, que acontecerá à tarde, daremos continuidade nas atividades, socializando o conceito de cultura material, logo após compartilhar algumas imagens e pedir que os educandos identifiquem as que se encaixam no conceito de patrimônio cultural. Após essa dinâmica, pediremos que formem grupos para conversarem com os sábios da cultura, a fim de que pesquisem os artesanatos da cultura material que não estão mais sendo produzidos e refletir sobre o porquê dessa não produção. Logo após, já com o jenipapo coletado haverá a produção do sumo para a pintura do grafismo corporal e também da confecção do instrumento de medição “puyrenda” (lugar do artesanato).

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

No segundo dia, pela manhã, será o “encerramento” das atividades, que terá como motivação para a apresentação dos trabalhos realizados no dia anterior, o envolvimento dos demais parentes da comunidade, uma grande gincana, onde haverá a pintura e apresentação do grafismo corporal, bem como a explicação dos seus significados, a contação de histórias relacionadas a cultura material ka’apor, em seguida, um campeonato de artesanatos, onde iremos organizar os educandos em equipes para que eles possam estar coletando o maior número de artesanatos presentes na comunidade e em suas casas e também haverá a exposição dos seres vivos coletados da floresta durante a aula passeio. E assim iremos “encerrar” o Oca de Saberes, de maneira lúdica e reflexiva, atentando para a retomada e manutenção dos saberes e fazeres ancestrais, assim como do bem conviver com a floresta.

7. Avaliação

Será contínua, acompanhando as classes de idade, o quadro de atitudes e valores da cultura ka’apor e as competências alcançadas por meio das habilidades propostas nos cadernos de conhecimentos, observando o desempenho dos educandos nas atividades sugeridas. Assim como de forma coletiva e a participação em atividades práticas que serão pensadas e executadas na medida em que as alternâncias forem acontecendo e também por meio das atividades desenvolvidas e apresentadas durante o Oca de saberes.

Materiais para as atividades

- Materiais utilizados da floresta pelos ka’apor para construir seus instrumentos de medição;
- Imagens que representam patrimônios culturais;
- Fruto do jenipapo;
- Artesanatos (colares, brincos, pulseiras, cocar, paneiros, flecha, dentre outros);
- Seres vivos, saco transparente para experimento.

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Resultados esperados

- Sensibilização sobre a retomada e manutenção dos saberes culturais e ancestrais que vêm do bem conviver com a floresta;
- Confecção dos instrumentos de medição ka'apor;
- Aula passeio;
- Mística (contação de histórias, gincana e pintura corporal)

8. Referência Básica

1 BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 mar. 2017.

2 BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica.

3. Diretrizes Curriculares Nacionais da **Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2017.

D' AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – Elo entre as tradições e a modernidade**. Coleção Tendências em Educação Matemática, 2015.

Projeto pedagógico e curricular da educação básica ka'apor 7 território indígena alto Turiaçu. Aldeia Xié pihun renda/Centro Novo do Maranhão – MA. 2012

Referencial curricular nacional para as escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. 1. Educação escolar indígena. 2. Currículo.

Com base nas discussões e reflexões da temática do referido minicurso, seguem dez (10) exemplos de atividades, que foram produzidas a partir das informações, considerações e especificações da cultura ka'apor, contidas no modelo de plano de trabalho integrado .

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Atividades

“As atividades de 1 a 4 estão relacionadas ao tema gerador: Cultura & Vida Comunitária”

Texto de abertura

Fotógrafo indígena relata como evangelização transformou povo Paiter Suruí

“ Quando Ubiratan Suruí nasceu, no início dos anos 90, o seu povo, os Paiter Suruí, já tinha tido contato com não-indígenas há algumas décadas, em 1969. Ubiratan foi criado e viveu na aldeia até os 16 anos, mas teve menos contato com os rituais e tradições do seu povo do que gostaria. Hoje, conta Ubiratan à BBC News Brasil, a "maior parte dos indígenas do nosso povo são evangélicos" e por isso muito da cultura tradicional Suruí se perdeu. Ubiratan diz que, de certa forma, sente que foi roubado de sua herança. “

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil>

Os números e suas funções no dia a dia.

“A importância de contar começou com as mudanças culturais, quando o homem foi deixando de ser pescador e coletor de alimentos para morar em um único lugar.”

Representação numérica em ka'apor.

1 – peteĩ	11 - awa py peteĩ
2 – mokõi	12 - awa py mokõi
3 – mahapyr	13 - awa py mahapyr
4 – tumeme	14 - awa py tumeme
5 – peteĩ har awa po pa	15 - awa py peteĩ har upa
6 - awa po wajar peteĩ	16 - awa py wajar peteĩ
7 - awa po wajar mokõi	17 - awa py wajar mokõi
8 - awa po wajar mahapyr	18 - awa py wajar mahapyr
9 - awa po wajar tumeme	19 - awa py wajar tumeme
10 - jande po pa	20 - awa py pa

Fonte: Dicionário Kakumasu

Realização



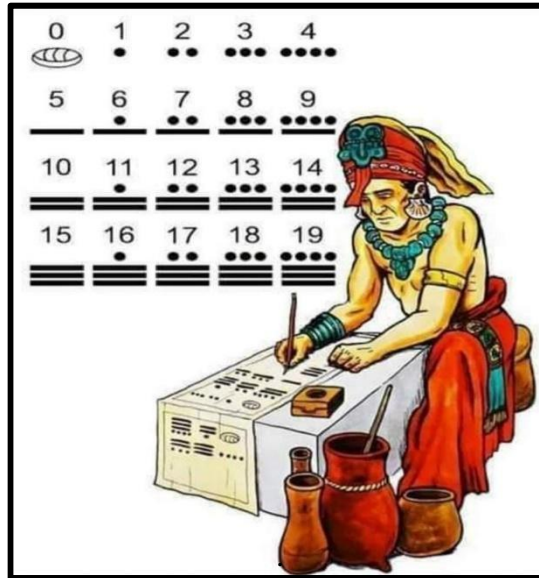
Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Representação numérica do povo Maia.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

De acordo com as tabelas acima podemos escrever os números das seguintes formas:

Exemplo 1: (4) – Língua Materna Ka'apor: (TUMEME);

Exemplo 2: (4) _ Língua Portuguesa:(QUATRO);

Exemplo 3: (2) – Língua Materna Maia: (. .)

Exemplo 4: (2) _ Língua Portuguesa (DOIS)

1ª) Quais são os números que vocês conseguem identificar no texto do Ubiratan Suruí?

a) () b) () c) ()

2ª) Escreva por extenso os números encontrados no texto.

a) Língua Materna: _____

Língua Portuguesa: _____

b) Língua Materna: _____

Língua Portuguesa: _____

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

c) Língua Materna: _____

Língua Portuguesa: _____

3ª) Quantas palavras da cultura você conseguiu escrever no quadro da sexta questão de língua portuguesa?

a) ()

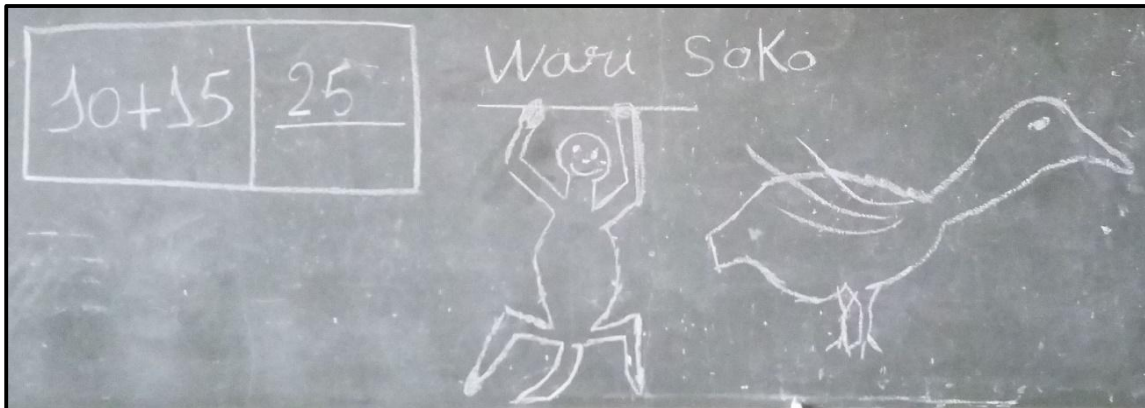
b) Escreve por extenso:

Língua Materna: _____

Língua Portuguesa: _____

4ª) De acordo com a representação numérica através dos animais da cultura ka'apor, veja o exemplo a seguir e represente o valor do número que você encontrou na questão anterior.

Representação numérica por meio dos animais da cultura ka'apor.



Fonte: : Arquivo pessoal, 2021

Realização



getnoma

Apoio

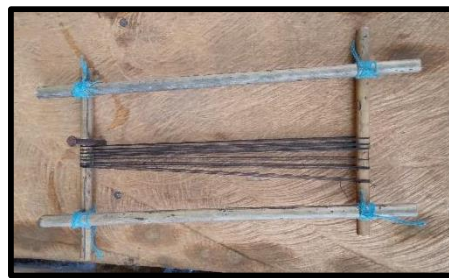
PROEX





5ª) De acordo com a imagem do “puyrenda” (lugar do artesanato). Responda:

Instrumento de medição ka'apor



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

- A) Qual o comprimento do instrumento de medição ?
- B) Qual a largura do instrumento de medição?
- C) Qual figura geométrica você consegue identificar nesse modelo de medição ?
- D) Quantos lados têm essa figura geométrica?
- E) Escreva o nome da figura geométrica na língua materna.

6ª) De acordo com as histórias contadas pelos sábios da comunidade, descreva como se acompanhava o crescimento das crianças ka'apor e qual o instrumento de medição era utilizado?

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

7ª) Observando a imagem a seguir, temos o seguinte processo: “É só pegar uma guarumã e partir em 4 (quatro) partes e depois em mais 4 (quatro) e depois separa a tala da bucha dela e dá início a produção do paneiro” - Mariuza Ka’apor.

Divisão da tala da Guarumã



Fonte: : Arquivo pessoal, 2020

- a) Qual a quantidade de talas de guarumã que teremos no fim desse processo?
- b) Escreva por extenso o valor numérico encontrados na questão anterior :

Língua Materna: _____

Língua Portuguesa: _____

Realização



Apoio



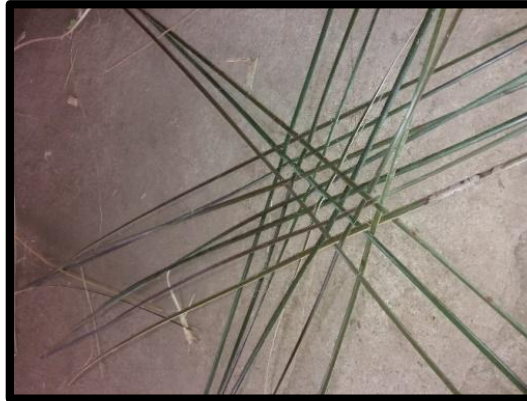


Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

8ª) Na imagem a seguir, há a representação do início do tecimento do Wasahã (paneiro).

Responda:

Começo do wasahã (paneiro)



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

- Qual a principal figura geométrica encontrada na estrutura do wasahã (paneiro) ?
- Quantos lados têm essa figura geométrica ?
- Faça o desenho dela.
- Escreva o nome dela na língua materna.

Realização



getnoma

Apoio

PROEX





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

9º) Observe e marque a alternativa que destaca as duas principais figuras geométricas traçadas no grafismo corporal ka'apor:

Grafismo corporal ka'apor



Fonte: Arquivo pessoal, 2020

- A) Círculos e quadrados;
- B) Triângulos e retângulos;
- C) Polígonos e círculos;
- D) Hexágono e triângulos;
- E) Quadrados e círculos;

10) Desenhe as figuras geométricas destacadas e escreva seus nomes, tanto na língua portuguesa, quanto na língua materna, se houver!



Realização



getnoma

Apoio

PROEX





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Conclusão

A pesquisa nos possibilitou pensar em propostas de práticas de ensino voltadas para temáticas que abordam os saberes e fazeres culturais dos educandos Ka'apor e, como estas estão relacionadas ou não, à Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Por conseguinte, buscamos refletir sobre uma proposta de ensino e aprendizagem intercultural e interdisciplinar que contribua para uma matemática mais humanizada. Nesse exercício, a educação escolar ka'apor começa a ter um novo significado para a vida dos educandos e da comunidade, assim como para nós, educadores formadores não indígenas, como marca representativa de abertura de suas práticas. Além disso, proporciona uma visão ampla de seus costumes e modos peculiares de se estabelecerem dentro do contexto social e cultural, marcando os lugares e o tempo próprio de suas identidades.

Neste cenário o conhecimento das práticas relacionadas aos elementos culturais dos educandos, assim como as experiências relacionadas com a dinâmica da educação escolar ka'apor, evidenciam a contribuição para um processo de ensino e aprendizagem mais humanizado que potencialize suas peculiaridades e suas várias formas de organizações políticas, lutas e conquistas no processo da educação escolar.

Portanto, consideramos que desenvolver uma educação escolar diferenciada que reflita o tempo e lugar dos educandos da etnia ka'apor, é garantir um processo de ensino e aprendizagem que favoreça a permanência desses educandos em suas comunidades onde a presença e participação deles nas atividades ligadas ao projeto de educação escolar seja frequente, valorizado e potencializado pelos aspectos da cultura local.

Ao pensar em uma educação escolar diferenciada, que valorize o conhecimento próprio do sujeito, seus saberes, contexto social, sua forma de sobrevivência e sua dinâmica social, estaremos contribuindo para uma educação que ultrapasse as perspectivas de uma sala de aula e que aponte caminhos metodológicos para uma qualificada elaboração de materiais didáticos, que sejam diferenciados e que garantam as formas de subsistências e sobrevivência do povo Ka'apor.

Realização



Apoio





Abaetetuba – Pa 07 a 09 de dezembro de 2022

Referências

BAGNAMI, João Batista, BURGHGRAVE, Thierry, **Pedagogia da alternância e sustentabilidade**. Orizona: UNEFAB, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALDASTE, Roseli S. **Por uma educação do campo: Traços de uma identidade em construção**. In: Por uma Educação do campo. São Paulo: SP: ANCA. Associação Nacional de Cooperação Agrícola: 2008.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática. Da teoria à prática**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação para uma sociedade em transição. 2a. Ed. Natal: EdUFRN, 2011.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1990.

SCANDIUZZI, P. **Educação matemática indígena: a constituição do ser entre os saberes e fazeres**. In: BICUDO, M.A.V. & BORBA, M.C. Educação Matemática: pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez, 2004.

WANDERER, Fernanda. **Educação de jovens e adultos e produtos da mídia: possibilidades de um processo pedagógico etnomatemático**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

Realização



Apoio

